

Montaigne

Ociosidade¹

Retirei-me há tempos para as minhas terras, resolvido, na medida do possível, a não me preocupar com nada, a não ser o repouso, e viver na solidão os dias que me restam. Parecia-me que não podia dar maior satisfação a meu espírito senão a ociosidade, para que se concentrasse em si mesmo, à vontade, o que esperava pudesse ocorrer porquanto, com o tempo, adquiria mais peso e maturidade. Mas percebo que: ‘na ociosidade o espírito se dispersa em mil pensamentos diversos’ [Lucano], e ao contrário do que imaginava, caracolando como um cavalo em liberdade, cria ele cem vezes maiores preocupações do que quando tinha um alvo preciso fora de si mesmo. E engendra tantas quimeras e ideias estranhas, sem ordem nem propósito, que para perceber-lhe melhor a inépcia e o absurdo, as vou consignando por escrito, na esperança de, com o correr do tempo, lhe infundir vergonha.

Montaigne

Meios e fins²

A maneira mais comum de amolecer o coração dos que nos ofendem, quando, vingança em mãos, eles nos têm à sua mercê, é comovê-los pela nossa submissão, inspirando-lhes comiseração e piedade. Entretanto, a bravura, a tenacidade e a resolução, meios inteiramente opostos, alcançam às vezes idêntico resultado.

Eduardo, Príncipe de Gales, (...) ordenara o massacre dos habitantes que o haviam ofendido. Caminhava ele pela cidade sem que os gritos dos homens, mulheres e crianças assim condenados à morte lhe amolecessem a alma, quando deparou com três fidalgos franceses que, sozinhos, e com incrível ousadia, enfrentavam o exército vitorioso. Essa coragem inspirou-lhe tal consideração e respeito, que subitamente se lhe acalmou a cólera; e o perdão que de imediato concedeu aos temerários, ele o estendeu aos demais habitantes da cidade. (...)

E contra meus primeiros exemplos vemos Alexandre, o homem mais denodado que jamais houve e tão magnânimo com os vencidos, a agir de modo bem diferente em Gaza, conquistada após numerosas e grandes dificuldades, com Bétis que comandava a praça e que durante o sítio dera provas de brilhante coragem. Encontrando-o só, abandonado pelos seus, de armas partidas e coberto de sangue a lutar ainda no meio de um punhado de macedônios que o atacavam de todos os lados, Alexandre (...) disse-lhe: “Não morrerás como ambicionas, Bétis; fica certo de que sofrerás os mais cruéis tormentos que se inventam contra um cativo”. Nada respondendo Bétis à ameaça, antes tomando uma atitude de altivez e desafio, Alexandre, diante do silêncio orgulhoso e obstinado, (...) mandou furar-lhe os calcanhares e amarrá-lo ainda em vida a um carro para que, assim arrastado, se fizesse em pedaços.

Montaigne

Correios³

César relatava que L. Vigulo Rufo, desejoso de entregar rapidamente certa mensagem a Pompeu, galopou dia e noite mudando de cavalo em caminho para chegar mais depressa. (...) Ouvi dizer que os valáquios, empregados no correio a serviço do Sultão, são extremamente velozes, tanto mais quanto têm o direito de mandar apear o primeiro cavaleiro que encontrem, dando-lhe seu cavalo exausto em troca do cavalo fresco. Para resguardar-se do cansaço, cingem a cintura fortemente com uma larga faixa de tecido, como o fazem outros também. Experimentei-o eu próprio, mas não senti nenhum alívio.

¹ Extraído de MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

² Extraído de MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

³ Extraído de MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Montaigne

Dos canibais⁴

Mas, voltando ao assunto, não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos [considerados bárbaros pelos gregos]; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que vivemos. Neste a religião é sempre a melhor, a administração excelente, e tudo o mais perfeito. (...)

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva. (...)

Esses povos [indígenas do Novo Mundo] guerreiam os que se encontram além das montanhas, na terra firme. (...) Aquele a quem pertence o prisioneiro convoca todos os seus amigos. No momento propício, amarra a um dos braços da vítima uma corda cuja outra extremidade ele segura nas mãos, o mesmo fazendo com o outro braço que fica entregue a seu melhor amigo, de modo a manter o condenado afastado de alguns passos e incapaz de reação. Isso feito, ambos o moem de bordoadas às vistas da assistência, assando-o em seguida, comendo-o e presenteando os amigos ausentes com pedaços da vítima. (...)

Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos ou entrega-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos contrerrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado. (...)

Conversei longamente com um deles [um indígena que esteve na França] (...). Tendo-lhe perguntado de onde provinha sua ascendência sobre os seus (era um chefe e nossos marinheiros o tratavam como rei), respondeu-me que tinha o privilégio de marchar à frente dos outros quando iam para a guerra. (...) Indaguei ainda se nas épocas de paz ele conservava alguma autoridade, e disse-me: “Quando visito as aldeias que dependem de mim, abrem-me caminhos no mato para que eu possa passar sem incômodo”. Tudo isso é, em verdade, interessante, mas, que diabo, essa gente não usa calças!

Montaigne

A educação das crianças⁵

Alguém, depois de ler o ensaio precedente, dizia há tempos em minha casa que eu me devia ter alongado um pouco mais sobre a educação das crianças. (...) Mas na realidade disso só entendo que a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece residir no que concerne à instrução e à educação da criança. (...)

A tarefa do preceptor que lhe darei, e da escolha do qual depende todo o efeito da sua educação, comporta vários aspectos importantes; mas não toco nas outras partes por não saber dizer nada que valha a pena. Quanto ao ponto em que proponho meus conselhos, ele me acreditará no que quiser. Para um filho de família que procura as letras, não pelo lucro (pois um fim tão abjeto é indigno da graça e do favor das musas e, por outro lado, não depende de nós) nem tanto pelas vantagens exteriores que os oferece como pelas suas próprias, e para se enriquecer e adornar por dentro para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse um guia com cabeça bem formada mais do exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova. (...)

⁴ Extraído de MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

⁵ Extraído de MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Que não lhe peça conta apenas das palavras da lição, mas também do seu sentido e substância, julgando do proveito, não pelo testemunho da memória e sim pelo da vida. É preciso que o obrigue a expor de mil maneiras e acomodar a outros tantos assuntos o que aprender, a fim de verificar se o aprendeu e assimilou bem, aferindo assim o progresso feito segundo os preceitos pedagógicos de Platão. É indício de azia e indigestão vomitar a carne tal qual foi engolida. O estômago não faz seu trabalho enquanto não mudam o aspecto e a forma daquilo que se lhe deu a digerir. (...)

Tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. Que nenhum princípio, de Aristóteles, dos estóicos ou dos epicuristas, seja seu princípio. Apresentem-se-lhes todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não o puder fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião. (...)

Que lhe ensine a apreciar os fatos mais do que os registrar. (...)

É provável que nessas condições nosso jovem ficará menos inútil do que os outros. Mas como os passos que damos quando passeamos numa galeria não nos cansam tanto quanto em um caminho predeterminado, ainda que sejam três vezes mais, assim também nossas lições, dadas ao acaso do momento e do lugar, e de entremeio com nossas ações, decorrerão sem que se sintam. Os exercícios e até os jogos, as corridas, a luta, a música, a dança, a caça, a equitação, a esgrima constituirão boa parte do estudo. Quero que a delicadeza, a civilidade, as boas maneiras se modelem ao mesmo tempo que o espírito, pois não é uma alma somente que se educa, nem um corpo, é um homem; cabe não separar as duas parcelas do todo.